



FORMA URBANA: ESPAÇOS QUE DESVELAM TEMPOS E INCITAM A MEMÓRIA INTERFEREM NA MORFOLOGIA DE CAMPINAS.

José Roberto Merlin; Beatriz Barbutti Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica; Professor Doutor FAU; Bacharelada em Iniciação Científica FAU; Campinas SP; jrmerlin@puc-campinas.edu.br; beatriz.bg@puccampinas.edu.br

RESUMO

Os espaços capazes de preservar a história e trazer à tona o tempo estruturam a forma urbana e suas características morfológicas e, quando compreendidos como totalidade, são potencialmente educadores auxiliando na compreensão da cidade. Cada rugosidade - marcas e sinais materiais remanescentes que resistiram ao tempo e às novas demandas – registra formas e tempos pregressos, “estilos” que, além de incitar a memória e alimentar o sentimento de pertencimento dos cidadãos desenham cidades com diferentes feições. Esta pesquisa avalia como espaços que desvelam fatos, espaços e tempos são partes constituintes da morfologia urbana, através de seus aspectos materiais e simbólicos. Guiada por esse objetivo, seguiu-se um processo metodológico de conhecimento e ampliação de conceitos por meio de pesquisas bibliográficas, documentais e iconográficas, buscando espaços que tratavam do tempo e da memória. Observando atentamente fotos, imagens, mapas, desenhos e visitando o local escolhido, foi possível construir um quadro referencial revelador das características morfológicas presentes em espaços capazes de revelar o tempo e incitar a memória dos usuários, tornando-se assim, potencialmente educadores. Pela presença de edifícios públicos importantes e pelo fato de a história estar fortemente materializada no contexto urbano em seus diferentes estilos arquitetônicos, a rua Treze de Maio, entre a Catedral Metropolitana e o Complexo Ferroviário foi escolhida. Percorrer a rua permitiu a análise de como as características morfológicas foram se transformando ao longo do tempo, incitando a memória através da forma urbana enquanto linguagem - verdadeiro documento – que lido e compreendido, revela a história da cidade e também se torna potencialmente educador.

Palavras-chave: espaços potencialmente educadores; tempo e memória espaciais; qualidades do espaço; Rua Treze de Maio.



URBAN SHAPE: SPACES THAT UNVEIL THE PAST AND INCITE MEMORY INTERFERE ON CAMPINAS'S MORPHOLOGY

ABSTRACT

Spaces which preserve the history and bring out their historical period structure the urban form and their morphological characteristics and, when understood as a whole, are potential educators, helping in city comprehension. Each roughness - marks and remaining material signs that resisted through time and new demands - reveals past history that, besides inciting memory and the feeling of belonging of citizens, is also responsible for the outline of different cities with distinctive features. This research assesses how facts, spaces and time are part of the urban morphology through its material and symbolic aspects. The research followed a methodological process of knowledge and expansion of concepts described as following: bibliographic, documentary and iconographic research and search and highlighting of spaces that dealt with time and memory. Carefully analysis of images, photographs, maps, sketches, and also visits to the chosen place made it possible to make a referential frame, which reveals the morphological features present in potential educational spaces, revealing their history and inciting the memory of their users. Treze de Maio street, between the Cathedral and the Train Station, was chosen due to its important public buildings and to the fact that history is strongly materialized in the urban context in its various architectural styles. Walks by/around the street length allowed the analysis of how morphological features changed along time, inciting memory through its urban shape as a language – real document – that, when read and understood, reveals the history of the city and becomes potentially educator.

Key-words: *Potential educational spaces, time and spatial memory, space qualities, Treze de Maio*

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CIDADE DE CAMPINAS

A cidade de Campinas, no interior de São Paulo, teve seu início marcado por suas características geográficas, tais como topografia adequada e água em abundância, que favoreciam o pouso dos paulistas que iam à busca de ouro em Goiás. Assim, em 1745, surge o bairro rural de Mato Grosso de Campinas, pertencente à Vila de Jundiá. Em 14 de julho de 1774, com a inauguração da capela provisória é fundada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas.



A partir daí, Campinas passa por uma urbanização conforme as normas do governo, com traçado ortogonal típico e doação das terras por parte do sesmeiro Barreto Leme. Em 1797 a freguesia foi elevada à categoria de vila e denominada Vila de São Carlos, agora autônoma à Vila de Jundiáí. Foi, então, demarcado o rossio e a localização da Casa do Conselho e da Cadeira, além do Pelourinho.

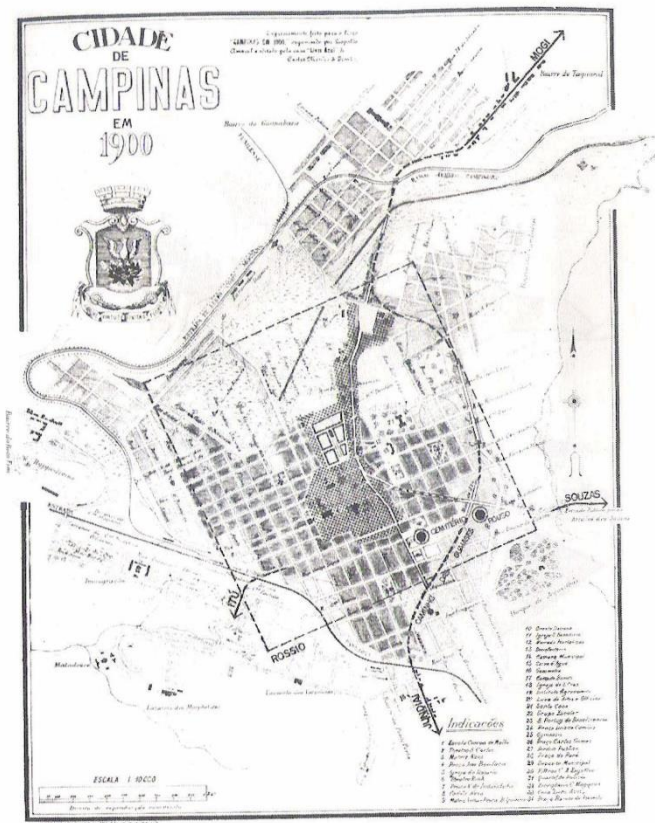
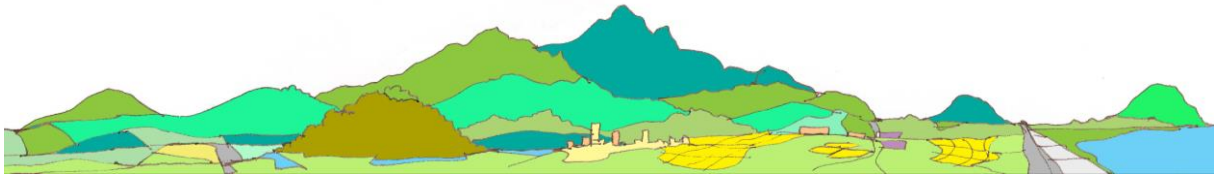


Figura 1: Mapa de 1900 com a demarcação do rossio e das rotas. Fonte: BADARÓ, R. de S. C. Campinas: o despertar da modernidade. Campinas: CMU, UNICAMP, 1996. p.45.



O declínio da mineração incentivou a produção de açúcar na vila. A produção era transportada por tropas de burros até Santos, onde eram exportadas para a Europa. As mercadorias trazidas na volta do litoral eram comercializadas na Rua Barão de Jaguara, antiga Rua do Comércio.

Próximo ao ano 1835, o café começa a substituir a cana-de-açúcar. Em 1842, a vila foi elevada à condição de município e recebeu o nome de Campinas. O café foi o responsável por grande parte da riqueza e prosperidade da cidade, permitindo o investimento em diversos setores. Foi inaugurada a Cia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, ligando Campinas à Jundiaí, onde se conectava à São Paulo Railway, ligando São Paulo à Santos. Em 1875, a Companhia Mogiana fazia a ligação de Campinas com o interior do estado.



Figura 2: Vista da Estação Ferroviária pela Rua Treze de Maio. Década de 1930. Fonte: Arquivo MIS.

O entroncamento ferroviário gerou na cidade uma grande circulação de mercadorias e pessoas, e, conseqüentemente, um grande desenvolvimento do comércio. A Rua São José, responsável por conectar a Catedral Metropolitana (na Avenida Francisco Glicério) à Estação Ferroviária, passou a ser o portal de entrada de Campinas, pois conectava a parte mais central da cidade ao principal meio de transporte da época. Dessa forma, passou a abrigar comércio varejista de armazéns nas áreas mais próximas ao centro e comércio atacadista no Largo da Estação, além de importantes hotéis.



Figura 3: O eixo da Treze de Maio, conectando a Catedral à Estação Ferroviária (ao fundo). 1900. Fonte: Arquivo MIS

Entre os anos 1889 a 1897, Campinas teve um surto de febre amarela, reduzindo sua população urbana de 20.000 para 5.000 habitantes devido ao grande número de mortos e ao intenso êxodo urbano. Após a epidemia a população volta a crescer sem que haja, porém, a expansão da cidade, já que ocorre a ocupação do centro que havia sido desocupado durante o surto da doença.

O crescimento da cidade, já na década de 1920, leva a prefeitura a adotar um plano de urbanismo em 1930, o Plano Prestes Maia. A base do plano consistia na remodelação do sistema viário central, assim como a abertura das perimetrais internas, vias intermediárias e



Figura 4: Vista aérea do centro de Campinas, já mais verticalizado. Nota-se o início das obras do Viaduto Cury. Início da década de 1960. Fonte: Arquivo MIS



Vias externas. Dessa forma, diversas ruas foram do centro foram alargadas, como por exemplo a Avenida Francisco Glicério, Senador Saraiva e Campos Salles, e muitas construções antigas foram desapropriadas e demolidas, substituídas por edifícios de diversos pavimentos. A verticalização da área mais central, apesar de criar um aspecto de “modernização”, foi responsável pelo ofuscamento de diversas construções históricas importantes, tais como a Catedral Metropolitana, por apresentarem gabarito mais baixo.

Nas décadas de 1960 e 1970, foram realizadas diversas obras viárias, como a construção do Viaduto Cury – responsável por conectar três grandes avenidas centrais e a Rodovia Anhanguera ao centro – e a construção e remodelação de rodovias. Nessa época o centro era palco dos principais acontecimentos, o principal endereço para o comércio, o lazer e o encontro. O plano urbanístico de 1975 que transformou a Rua Treze de Maio e a Rua Costa Aguiar em “calçadão”, permitindo apenas o trânsito de pedestres, transformou o local no chamado “convívio” (figura 5), com bancos, floreiras, iluminação, espelhos d’água, que valorizavam o local e atraíam a população para o comércio e o lazer.



Figura 5: Região do Convívio em 1976. Fonte: Disponível em <<http://www.museumusical.com/2013/12/fotos-campinas-de-antigamente.html>>. Acesso em: 20 abr.2015



Porém, nas décadas seguintes, a função tradicional da área foi alterada e o centro sofreu decadência. O esgotamento das áreas livres para novas construções e o surgimento dos *shoppings centers* e *mega-stores* nas margens das grandes rodovias foram decisivos, além das construções dos principais terminais de ônibus na área central, gerando grande concentração de camelôs e ambulantes, acentuando o aspecto de degradação.



Figura 6: Placas e propagandas da Rua Treze de Maio em 1998. Fonte: Jornal Diário do Povo, 27 de agosto de 1998

A COMPREENSÃO DO TODO: O ENTORNO DA RUA TREZE DE MAIO

A Rua Treze de Maio se origina do traçado ortogonal comum à fundação das antigas cidades e, após a inauguração da sede da Cia Paulista de Estradas de Ferro em Campinas no final do século XIX. Esta rua passa a interligar a área mais central da cidade à estação ferroviária, ainda na periferia da cidade. O fato de Campinas possuir grande entroncamento ferroviário, interligando as cidades do interior a Jundiaí, e esta, a São Paulo e ao porto de Santos, fez surgir um grande fluxo de pessoas e mercadorias, que movimentou o centro e propiciou o surgimento do comércio da região, principalmente na Rua Treze de Maio, por sua localização privilegiada. A rua, então, passou a ser porta de entrada da cidade para os passageiros que desciam para o centro a partir da estação ferroviária.

Ao longo dessa via também havia edifícios públicos importantes, que perenizavam ainda mais sua importância para a cidade de Campinas. Seu início, num percurso que segue da Avenida Francisco Glicério para o Largo da Estação, é marcado pelo Largo da Catedral (Praça José Bonifácio) de um lado e, pela própria Catedral Nossa Senhora da Conceição do outro, inaugurada em 1883, após mais de seis décadas de construção. Atrás da Catedral Metropolitana existe hoje a Praça Ruy Barbosa, antigo Largo do Teatro, que abrigou o teatro São Carlos, construído em 1850 e demolido em 1922 para dar lugar ao Teatro Municipal Carlos Gomes, construído em 1924 e também demolido em 1965. Seguindo daí para a



estação ferroviária, percorre-se inúmeros estabelecimentos comerciais e encontramos no fim da rua a Torre do Relógio da estação ferroviária, que desvela uma perspectiva e um ponto focal importante para a Rua Treze de Maio.

Atualmente, com o desuso quase completo da ferrovia, os pontos geradores de fluxo nessa região foram alterados, sem que a Treze de Maio perdesse sua importância e seu uso principal (comércio). A instalação dos terminais de ônibus nas proximidades ocasionou, assim como o corredor de ônibus da Avenida Senador Saraiva (travessa da Rua Treze de Maio), a circulação de grande número de pessoas, que manteve vivo o comércio da rua.



Figura 7: Mapa com os principais pontos da Rua Treze de Maio. Fonte: acervo autores.2015

AS FACHADAS E AS TIPOLOGIAS

Um percurso pela Rua Treze de Maio revela para os observadores atentos diversas informações sobre os períodos históricos da cidade. O caráter educativo da rua está impregnado em cada fachada e em cada rugosidade causada pelo tempo. Cada edifício, mais recente ou mais antigo, oferece ao observador características de cada tempo histórico, os costumes predominantes e os diferentes materiais disponíveis em cada período.



Por ser bastante antiga, a rua revela em sua diversidade de fachadas as diversas transformações que sofreu ao longo do tempo. Apesar de apresentar primeiramente um aspecto de desordem em relação às fachadas de suas construções, um olhar mais aprofundado consegue perceber certas tipologias que se repetem desde o Largo da Catedral até o Largo da Estação.

As tipologias foram agrupadas na pesquisa em 4 diferentes grupos: ecletismo, Art Déco, edifícios modernos e “lojas banais” (sem estilo específico).

CASARIOS ECLÉTICOS

A arquitetura eclética foi um movimento arquitetônico predominante de meados do século XIX até o início do século XX. Corresponde a uma mistura de estilos arquitetônicos do passado que, juntos, formam um novo estilo, mais livre. Platibandas, balaustradas, entablamentos e molduras nas janelas são comuns nesses tipos de construções.



Figura 8: Esses dois edifícios tiveram seus pavimentos superiores preservados. Elementos como a platibanda, moldura e entablamento ganham destaque na fachada com a cor diferenciada. Na casa da direita é possível identificar o ano de construção (1928) do casario acima da porta, indicando a presença desse estilo até o início do século XX. Fonte: acervo autores, 2015.



Figura 9: O casario sofreu grandes transformações, restando apenas a fachada do pavimento superior. O lote foi ocupado por uma loja de móveis e um grande edifício foi construído atrás. Fonte: acervo autores, 2015.



Figura 10: O edifício Roque de Marco ganha destaque na paisagem do Largo da Estação, já no fim da Treze de Maio, pelo seu tamanho e sua ornamentação eclética com algumas características neoclássicas, encontra-se bem preservada, abrigoando no térreo diversas lojas. Fonte: acervo autores, 2015



Figura 11: A casa ainda preserva os ornamentos da parte superior. O térreo, assim como nas outras edificações, foi totalmente aberto à rua para se adequar ao novo uso. Nota-se a resistência da edificação em meio a dois prédios modernos. Fonte: acervo autores, 2015.

Os exemplos acima revelam que, apesar de apresentar um novo uso, os casarios ainda preservam parte de suas características e ornamentos comuns ao estilo eclético. Em quase todos os edifícios com essas características foi preservado o pavimento superior, enquanto o térreo foi reformado para abrigar as mercadorias dos comércios. Os edifícios mais importantes desse estilo, o Roque de Marco e o antigo Hotel Gringoletti ainda preservam as estreitas aberturas do pavimento inferior, sendo possível imaginar como seriam os pavimentos térreos dos outros edifícios.

ART DÉCO E SEMELHANTES

O Art Déco foi um movimento artístico de origem francesa durante o período de 1915 até a década de 1940. É marcado por formas geometrizadas, linhas curvas e simplificadas, se comparado ao ecletismo e ao *Art Nouveau*. Sacadas semi-embutidas e a valorização das esquinas também são elementos marcantes na arquitetura do *art déco*.



Assim como nos edifícios ecléticos, as construções que expressam o *art déco* preservam suas características nos pavimentos superiores. Porém, devido a sua forma simplificada e falta de exemplares intactos na rua não é possível identificar o grau de transformação sofrido por esses prédios causado pela implantação do comércio nos padrões atuais.



Figura 12: Maior representante do Art Déco na Rua Treze de Maio, o antigo Hotel Términus permanece desde o final dos anos 40, quando trouxe mais modernidade ao centro de Campinas. Foi tombado em 2008. Fonte: acervo autores, 2015.



Figura 13: O Art Déco é notado pelas constantes linhas horizontais, destaque da esquina e pelas formas geométricas. Fonte: acervo autores, 2015.

EDIFÍCIOS MODERNOS

Presentes na Rua Treze de Maio no trecho mais próximo à Av. Francisco Glicério, os edifícios de aspecto moderno são marcantes por sua altura e grande utilização de concreto e vidro. A presença dessas construções nessa área próxima à Catedral indica a tentativa de modernização causada pelo alargamento da Glicério, buscando dar ao centro um aspecto de metrópole. Esses edifícios marcam esse novo tempo histórico, porém acabaram ofuscando a presença de importantes edifícios históricos do centro, como a Catedral Metropolitana.

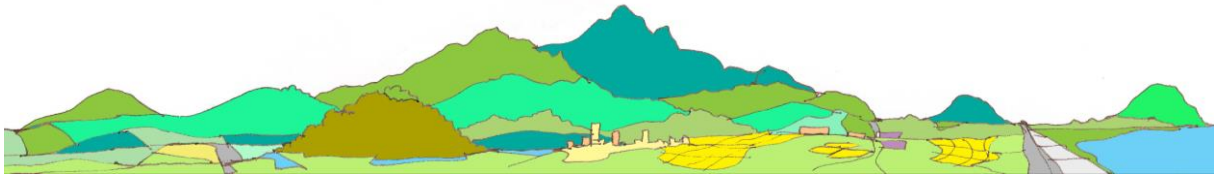


Figura 14: Fachadas totalmente envidraçadas são comuns nesses edifícios. O térreo possui ampla abertura para amostra e disposição das mercadorias de modo a atrair consumidores. Fonte: acervo autores, 2015.



Figura 15: Grande volume de concreto em frente à praça Ruy Barbosa. Fonte: acervo autores, 2015.

Os edifícios de aspecto mais moderno abrigam grandes lojas de departamentos e vestuário, devido ao seu alto custo de construção e aluguel. Essas construções geram contraste com as mais antigas devido ao seu gabarito e material utilizado na fachada.

“LOJAS BANAIS”

Sem muito destaque na paisagem, as ‘lojas comuns ou banais’ apresentam fachadas simples e poucos pavimentos (um ou dois, em sua maioria). Normalmente possuem uma marquise estreita acima das grandes portas do térreo, que se abrem para os consumidores e deixam seus produtos à postos. Alguns pavimentos superiores são totalmente lisos, enquanto outros apresentam algumas aberturas. Muitas são geminadas, sendo a divisão/diferenciação entre as lojas feitas pela pintura. Abrigam lojas menores, dos mais diversos tipos



Figura 16: Nota-se a ausência de preocupação com o design da fachada pela total simplificação dos elementos presentes. O toldo realiza o papel da marquise, ausente nessa construção. Fonte: acervo autores, 2015.



Figura 17: Lojas geminadas, diferenciadas pela pintura. Notam-se a estreita marquise e o baixo gabarito. Fonte: acervo autores, 2015.

Além da análise dos estilos predominantes, nota-se uma maior presença de cada estilo a cada trecho da rua; a Rua Treze de Maio parece se dividir em dois diferentes “blocos”: entre a Av. Francisco Glicério e Av. Senador Saraiva e entre a Senador Saraiva e o Largo da Estação. A quantidade de edifícios modernos próximo à Catedral e à Francisco Glicério, assim como a menor quantidade de casarios ecléticos nesse trecho, é evidência da maior modernização dessa área devido às intervenções do Plano Prestes Maia. Dessa forma, o trecho da Rua Treze de Maio entre as Avenidas Francisco Glicério e Senador Saraiva revelam grandes modificações e se mostram com edificações de um período mais recente (edifícios relativos à década de 1980). O trecho entre a Av. Senador Saraiva e o Largo da Estação, porém, aparenta menos modificado; o gabarito permanece baixo (dois a três pavimentos em sua maioria) e a presença de edificações de estilos eclético e Art Déco é maior. A presença das lojas comuns, sem nenhum estilo definido, é constante em toda a rua, desde o Largo da Catedral até o Largo da Estação.

O percurso da estação ferroviária ao Largo da Catedral pela Treze de Maio é, portanto, uma evolução dos diversos períodos/estilos arquitetônicos influentes, numa sequência parcialmente cronológica. A rua, nesse sentido, se inicia em ambos os lados com dois



edifícios ecléticos imponentes (Edifício Roque de Marco e o antigo Hotel Gringoletti), além do restante dos exemplares presentes no trecho entre a estação ferroviária e a Av. Senador Saraiva; passa por diversos exemplares de construções art déco, com destaque para a quadra entre a Rua Onze de Agosto e Rua Saldanha Marinho, que possui todas as edificações nesse estilo; e tem seu fim, já no outro trecho da rua (entre a Av. Senador Saraiva e Av. Francisco Glicério) com a maioria dos edifícios modernizados, com alto gabarito e fachadas envidraçadas.

TRECHO DA RUA TIPOLOGIA	Av. Francisco Glicério - Av. Senador Saraiva	Av. Senador Saraiva - Estação ferroviária	TOTAL
Casarios Ecléticos	4	13	17
Art Déco	4	8	12
Edifícios Modernos	16	8	24
Lojas "Comuns"	25	33	58

Figura 18: Tabela de quantitativo das tipologias da Rua Treze de Maio Fonte: acervo autores.2015

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é possível apreender, além de cada estilo predominante a cada época, os materiais disponíveis e comuns de cada tempo, a forma como eram utilizados e os costumes dos períodos. A cada época, os agentes transformadores da cidade se apropriam de seu espaço de acordo com os costumes e materiais disponíveis. Na Rua Treze de Maio, a transição quase periódica de estilos (no sentido da estação ferroviária para a Catedral) revela também a transição e evolução dos materiais usados, passando desde os tijolos dos casarios ecléticos da década de 1920 até o concreto e o vidro utilizados nos edifícios modernos, construídos desde a década de 1980 até a atualidade.

Os edifícios mais antigos da rua, quando não demolidos para a construção de edifícios de aspecto moderno, são transformados e adaptados ao uso e à época de sua nova utilização. Os casarios ecléticos restantes na Treze de Maio, para abrigar o comércio nos padrões atuais, tiveram todo o seu térreo modificado e aberto para a rua, além de receberem novas pinturas, mais coloridas, capazes de chamar a atenção dos consumidores. Isto também ocorreu com algumas das construções em estilo Art Déco.



O resultado da apropriação desse espaço central da cidade de Campinas está presente em cada fachada de cada edifício da Rua Treze de Maio. Um observador atento em seu percurso é capaz de notar, a cada quadra da via, as transformações que ocorreram naquela paisagem e identificar os costumes predominantes de cada época, compreendendo como totalidade a história arquitetônica e urbanística do local. Cada rugosidade, revelada por marcas e materiais remanescentes do passado, preserva a história do local que, resistindo às transformações e demandas atuais, são capazes de educar os cidadãos e alimentar o sentimento de pertencimento dos mesmos marcados na forma urbana.

Em sua totalidade, a Rua Treze de Maio evidencia os aspectos morfológicos urbanos e arquitetônicos da cidade de Campinas. O rigor no traçado da via é compreendido pela malha urbana ortogonal - remetendo à história e aos aspectos comuns às fundações das cidades -, assim como a perspectiva da torre da estação ferroviária ao longo da rua, revelando uma lógica capaz de auxiliar no entendimento da forma, os tempos progressos e o sistema de relações entre eles. Juntamente ao contexto urbano que está inserida, a Rua Treze de Maio materializa a história do local em seus diferentes estilos arquitetônicos, trazendo à tona a memória através das transformações evidenciadas ao longo do percurso e tornando-se, conseqüentemente, educadora e fazendo das características morfológicas importantes instrumentos para compreensão da forma da cidade. Estudar a rua 13 de Maio possibilitou um passeio cronológico pelas formas urbanas e entender a constituição da morfologia de Campinas no decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

AICE - *Carta das Cidades Educadoras*. Declaração de Barcelona, 1990, revisão Bologna, 1994. Disponível em <www.fpce.up.pt/OCE/Cartadascidadeseducadoras.pdf>. Acesso em 20/09/2011.

ALEX, Sun. *Projeto da Praça*. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: SENAC, 2008.

BADARÓ, Ricardo de S. C. *Campinas, o despontar da modernidade*. Campinas: Unicamp, 1996.

BAKER, Geoffrey H. *Análisis de la forma*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

CHING, Francis D. K. *Arquitectura: forma, espacio y orden*. México: Gustavo Gili, 1989.

FERRARA, Lucrecia D. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1986.

LYNCH, Kevin. *A boa forma urbana*. Lisboa: Edições 70, 2007.



SANTOS, Milton (1971). Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

----- (1988). Metamorfoses do espaço habitado. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.